

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO VOCABULÁRIO DE ARTHUR DE SALLES NA OBRA "POEMAS DO MAR"

Rosa Borges Santos CARVALHO
Universidade do Estado da Bahia
Universidade Federal da Bahia

Resumo: *O vocabulário de Arthur de Salles mostra-se rico e variado. Nele, nota-se a presença de arcaísmos, neologismos, palavras associadas às estéticas parnasiana e simbolista, termos técnicos, entre outros. Em seus textos, o autor valoriza tanto os vocábulos da linguagem comum que se associam à realidade regional, por ele vivida intensamente, quanto aqueles que resultam das leituras que fez, recuperando-se fatos e personagens da História, nomes de lugares, as aventuras e conquistas, as lendas e superstições. Por se tratar de uma obra marinha, dar-se-á ênfase ao vocabulário náutico, tomando-se alguns campos léxicos para estudo.*

Palavras-chave: *Arthur de Salles - vocabulário - obra marinha.*

Abstract: *Arthur de Salles' vocabulary shows rich and varied. In it, we observe the presence of archaisms, neologisms, associated words to the parnasianism and symbolist aesthetics, technical terms, among others. In his texts, the author values as many common language words that they associated to regional reality, for him lived intensely, as those that result of his own readings, recovering facts and characters of the History, names of places, the adventures, the conquests, the legends and the superstitions. For treating of a sea work, we will emphasize the nautical vocabulary, being taken some lexical fields for study.*

Key words: *Arthur de Salles - vocabulary - sea work.*

1 Introdução

O breve estudo que fizemos acerca do vocabulário de Arthur de Salles, poeta baiano que viveu de 1879 a 1952, se constitui em um dos capítulos da minha tese de doutoramento intitulada "*Poemas do Mar*" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo (Carvalho, 2002). Dois foram os motivos que nos levaram a desenvolver esse conteúdo: primeiro, porque preparamos a edição da obra *Poemas do Mar*, e, desse modo, nós teríamos a possibilidade de mostrar, através da classificação do vocabulário, segundo grupos de conceitos, a realidade do costeiro baiano e, quiçá, a mediterrânea, que resulta das leituras que o poeta fez, recuperando-se fatos e personagens da História, nomes de lugares, as aventuras e conquistas, as lendas e superstições; segundo, porque o levantamento das lexias referentes ao mar foi um critério por nós utilizado para a seleção de alguns poemas.

Na verdade, nosso intento era evidenciar o trabalho do poeta no que se refere aos materiais lingüísticos que manipulou, empregando-os de um modo particular e individual, através de um processo de escolhas e descartes de opções, na construção do texto literário, para podermos então caracterizar o processo criativo desse escritor quanto às escolhas lexicais que realizou, pois, como se sabe, a língua não dispõe de um signo léxico para cada uma das experiências que os falantes desejam comunicar, mas,

por outro lado, dispõe de procedimentos que, por meio da combinação de signos léxicos existentes ou através da criação de uma nova palavra, entre outros recursos, podem chegar a manifestar o conteúdo que se pretende transmitir, principalmente no que tange ao texto poético. Além do mais, devemos considerar que o vocabulário depende da natureza da obra e das intenções estilísticas do seu autor ao compô-la. No entanto, não alcançamos tal propósito da forma como desejávamos. Procedemos, tão somente, à classificação do vocabulário, que precisa de alguns ajustes, tomando por base o *Begriffssystem als Grundlage für die Lexikographie*, criado por Rudolf Hallig e Walther von Wartburg (1952; 1963), o Sistema Racional de Conceitos, sem nos prendermos a ele. Estes autores, ao criarem este Sistema, visavam a oferecer um método que pudesse ser utilizado no estudo sistemático de um autor ou de uma época, levando-se em conta a visão de mundo e o sistema da língua que descreve.

Embora não tivéssemos atingido nosso objetivo, a realização deste trabalho foi de grande valor, pois nos tornou conscientes das questões complexas relacionadas ao léxico e do fato de que ainda há muito o que explorar no que diz respeito ao vocabulário de Arthur de Salles. Daí apresentarmos as seguintes propostas que nos parecem bastante interessantes: (1) aplicar o método lexicométrico, como fez Carlos Quiroga (1994), em sua Tese *Leximetria e vocabulário em Pessoa ortónimo e heterónimo*, ou seja, far-se-á um estudo do léxico a partir de sua quantificação, para por em evidência o material revelador das preferências vocabulares do poeta, as marcas ideológicas presentes no discurso; (2) analisar a metáfora como motor da criação do léxico, direcionando nosso olhar para as *metáforas cognitivas ou da vida cotidiana* na perspectiva de Lakoff e Johnson (1980) que, em seu livro *Metaphors we live by*, consideram-nas como experiência das realidades físicas, isto é, elas permitem apreender a realidade circundante para esclarecê-la, diferentemente daquilo que preconiza a teoria clássica da metáfora, a comparação de duas realidades distintas, a conceptual e a física.

Nesse momento, porém, limitamos a nossa abordagem a alguns aspectos característicos do vocabulário deste autor, sem grandes ambições, pois o espaço e o tempo nos limitam.

2 Considerações gerais acerca do vocabulário de Arthur de Salles

Seu vocabulário mostra-se rico e variado, incluem-se vocábulos raros, clássicos, coloquiais, neologismos, palavras relacionadas aos sentimentos, à religião, à natureza, às cores ou ainda à estética dos movimentos a que pertenceu o poeta, simbolismo e parnasianismo, entre outros aspectos relevantes. Em sua linguagem, já afirmara Cláudio Veiga (1984), há lugar para os vocábulos mais rebuscados, fruto da sua leitura dos clássicos, como para o mais coloquial dos vocábulos, retirados da linguagem cotidiana, todos a que ele empresta o mesmo *status*.

Algumas palavras utilizadas pelo poeta não se acham dicionarizadas, umas são criações, outras, regionalismos, vocábulos peculiares a uma determinada região ou comunidade, tais como: *achamboado*, 'grosseiro, mal-acabado', *adormido*, 'adormecido', *babujento*, 'que forma babugem', *bojado*, 'enfunado', *cerraceiro*, 'nevoeiro espesso', *escavão*, 'cavidade', *envermelhado*, 'avermelhado', *esparcelado*, 'repleto de parcéis, escolhos', *plumbaginar*, 'escurecer', entre outros. Quanto aos arcaísmos, formas já desusadas na época de Arthur de Salles, poucos são os registros: *caligem* 'nevoeiro espesso', *lenho* 'pedaço de madeira'. Eles foram usados intencionalmente pelo poeta para dar a chamada cor local, para evocar antigos tempos, ou porque estavam condicionados

à rima, como *aspeito* que Salles rima com *leito*. Alguns vocábulos populares também aparecem em seus versos, como: *cinqüentão*, *patusco* 'brincalhão' e *chorro* 'jorro'. Palavras como *crebro* 'amiudado, repetido', *crystal* 'limpidez, transparência', *flamívomo* 'que vomita chamas', *flutívago* 'que anda sobre as ondas do mar', *glauco* 'de cor verde-azulada', *hiulco* 'entreaberto', *intérmino* 'interminável', *mesto* 'triste', *múrmuro* 'som confuso, sussurro que produz a água corrente', *navarco* 'comandante de uma nau de guerra ou de uma frota', *nave* 'navio', *rútilo* 'muito brilhante', *salso* 'salgado', *sidéreo* 'celestial sideral', entre outras, denotam uma expressão mais enérgica, são dicionarizadas como de uso poético.

As cores que aparecem em sua obra caracterizam a paisagem marinha: o céu e seus aspectos, azul claro, acinzentado e escuro, conforme sejam as fases do dia, o amanhecer, o entardecer e o anoitecer ou o dia *versus* a noite, e as condições meteorológicas, bom ou mau tempo. Para designar o céu, o mar e os reflexos do sol, o autor fez referência às pedras preciosas de acordo com as suas cores: *safira* (azul), para o céu; *esmeralda* (verde-esmeralda), para o mar; *opala* (leitosa, azulada, amarela, vermelha e incolor) e *topázio* (incolor, amarela, vermelha acastanhada, azul-clara, rosada, verde-pálida), para os reflexos matizados do sol. Entre as designações para cores, utilizou-se de formas comuns, tais como *azul*, *verde*, *avermelhado*, *louro*, e inusitadas, como *fulvo* 'dourado', *glauco* 'verde-azulado', *púrpuro* 'vermelho-escuro', fato que revela influência das correntes parnasiana e simbolista.

Alguns vocábulos são bastante expressivos no simbolismo brasileiro, mesmo quando empregados em sua acepção normal (Muricy, 1952). Da obra de Arthur de Salles, podemos citar: *agonia* 'angústia, aflição', *amplidão* 'extensão, vastidão', *arcano* 'mistério', *branco* 'alvo, claro', *brancura*, 'alvura', *bruma* 'nevoeiro', *caçoula* 'vaso em que se queimam perfumes', *constelado* 'ornado de estrelas', *cova* 'sepultura', fruto da obsessão funerária dos simbolistas e reminiscência do romantismo, *crepuscular* 'melancólico, indeciso', *dor* 'sofrimento, mágoa', *fatal* 'funesto', *goivo* 'flor do goiveiro', comparado à espuma do mar, *golfo* 'golfo', *ignoto* 'desconhecido', *lírio* 'flor, muito aromática, de várias flores do mesmo nome', *lívido* 'pálido', *luar* 'clarão da lua', *luxúria* 'lascívia', *maldito* 'amaldiçoado', *mirra* 'resina de uma planta nativa da região do Mar Vermelho', *mistério* 'oculto', *nebuloso* 'torvo, misterioso', *névoa* 'bruma', *nevoento* 'enevoado', *opala* 'pedra de cor azulada e leitosa, que, conforme a incidência de raios luminosos, apresenta cores vivas e variadas', *opalino* 'que tem a cor azulada e leitosa como a opala', *plangência* 'queixume, lamentação', *plectro* 'vareta de marfim com que se faziam vibrar as cordas da lira', *rapsodo* 'cantor, poeta, aedo', *remoto* 'longínquo, distante', *salmodiar* 'cantar salmos', *silente* 'silencioso, secreto', *taciturno* 'silencioso, sombrio', *tebaida* 'de Tebaida, região do Egito, retiro', *túrbido* 'perturbado, agitado', *turbilhão* 'remoinho', *ulular* 'emitir som plangente', etc. Ressaltemos ainda que algumas dessas lexias são comuns entre os escritores parnasianos e simbolistas, por exemplo, *bisso* 'secreção filamentosa que saem de certas conchas bivalves e que servem ao animal para se fixar aos corpos submarinos', *nitente* 'resplandecente, brilhante', *valva* 'cada uma das peças de que constam a concha dos mariscos' (Veiga, 1984).

3 Vocabulário náutico: alguns campos léxicos

O vocabulário do mar retrata a paisagem marinha: a praia, o movimento das ondas, o fluxo e refluxo da maré, as embarcações, a gente simples, enfim, seus múltiplos aspectos. Arthur de Salles, em sua poesia, da forma como a constrói, como

seleciona os vocábulos, insere-nos nesse quadro. O poeta enlapa-se na "tebaida verde" e, como o "flutívago rapsodo", narra as histórias dos pescadores, dos marujos e da população ribeirinha. O mar representado em sua obra, porém, não é somente aquele do recôncavo baiano, mas o que conheceu através da literatura, o Mar Tenebroso dos aventureiros que buscaram descobrir novos mundos.

As lexias arroladas a seguir obedecem a uma classificação de natureza semântica. Cada palavra consta de um campo que reúne valores comuns. Escolhemos, aqui, dois campos lexicais - do homem do mar e da navegação - para mostrar, de modo sucinto, como o poeta particularizou, em parte, esse universo dos mareantes em sua obra.

No que tange ao campo *homem do mar*, listam-se substantivos e perífrases lexicais, como *canoeiro* 'indivíduo que dirige uma canoa', *lobo do mar* 'marinheiro velho e experiente', *mareante* 'marinheiro', *marinheiro* 'homem do mar, qualquer que seja seu posto ou graduação', *marujo* 'marinheiro', *mestre* 'marinheiro mais graduado ou antigo que dirige uma embarcação', *nauta* 'navegador, marinheiro' e *navegante* 'aquele que viaja sobre as águas, navegador'. Há também outros nomes que têm relação com o tema em questão, o *corsário* 'pirata, o fora da lei', que viaja pelos mares, o *pescador* que tira do mar o seu sustento, o *navarco*, 'aquele que comanda uma nau de guerra ou uma frota', o *náufrago* 'indivíduo que sofreu naufrágio' e o *ribeirinho*, 'habitante da costa'. Dá-se o nome de *marinhagem* ou *fusta* ao conjunto de marinheiros.

O segundo campo enfocado é o da *navegação* que compreende a terminologia mais específica a ele associado, as designações relativas às *embarcações*, destacando-se os *tipos de embarcação* e as *partes que a compõem*, além dos *instrumentos ou equipamentos*.

Passamos a expor as palavras e perífrases lexicais diretamente relacionadas à *navegação* 'ato de navegar'. O poeta designa a translocação, ir de um lugar a outro, utilizando o substantivo *travessia* 'ato ou efeito de atravessar o mar', as locuções, *a bordo* 'na embarcação, dentro da embarcação', e *barra afora* 'seguir para alto mar', os sintagmas verbais, *abrir estrada* 'abrir caminho', *cortar a praia*, *cortar (a) água* e *talhar o deserto dos mares* 'atravessar, cruzar', os verbos *abismar-se* 'lançar-se, precipitar-se no abismo', *errar* 'vaguar, movimentar-se sem destino fixo', e *vogar* 'navegar'. Indica o 'caminho ou a direção a ser percorrida', valendo-se das formas *caminho*, *derrota*, *estrada*, *itinerário*, *rota*, *roteiro*, *rumo*, *trajetória*, *trilha*, *trilho* e *viagem*, e para o 'atalho', *senda*; dos verbos, *desnortear* 'fazer perder o rumo', *nortear* 'guiar, orientar', e *traçar* 'definir a direção a ser tomada'. Os 'caminhos confusos' no mar são denominados de *dédalos* e *labirintos*. Designa-se o lugar na costa de onde as embarcações chegam e partem de *enseada* e *porto*.

As embarcações às quais o autor se refere, em sua obra, vão desde aquelas que caracterizam o costeiro baiano até as embarcações típicas dos séculos XV, XVI, da época das grandes Conquistas. São elas: *baixel* 'pequeno navio', *barca*, *barcaça* 'embarcação de fundo chato, para transporte de passageiros e carga', *barco* 'qualquer embarcação', *batelão* 'canoa curta impelida a remo', *brigue* 'embarcação veleira de dois mastros', *canoa* 'embarcação indígena feita de tronco de árvore adelgado e escavado com dois remos', *caravela* 'pequena embarcação de vela latina usada no século XV e XVI', *esquife* 'pequena embarcação a remo ou à vela', *galeão* 'antigo navio de guerra', *galera* 'barco de guerra usado até o século XVIII', *gôndola* 'embarcação comprida peculiar à navegação nos canais de Veneza', *jangada* 'embarcação chata formada de cinco ou seis paus e munida de mastro', *nau* 'antigo navio de grande tamanho', *nave*

'navio', *navio* 'embarcação de grande porte', *trirreme* 'embarcação grega da Antigüidade, impelida por remos', e, com emprego metafórico, mencionam-se *escombros flutuantes*, *tábuas* (barco) e *fantasma branco* (barco). Para designar grande número de navios de guerra, utilizou-se do substantivo *frota*. As lanchas, os barcos, as canoas, as jangadas, por exemplo, dão à paisagem da Bahia seu aspecto inconfundível.

As embarcações compõem-se de: *adriças* 'cabos que servem para içar as vergas e as velas', *árvore* 'mastros ou peça de mastros', *arvoredo* 'conjunto de mastros e vergas dum navio', *bojo* 'parte mais larga e arredondada do navio', *borda* 'parte superior do costado de um navio ou embarcação', *costado* 'parte externa do casco do navio', *flanco* 'costado do navio', *leme* 'peça instalada na popa da embarcação, e que serve para lhe dar direção', *mastaréu* 'cada um dos mastros suplementares', *mastro* 'longa peça de madeira ou de ferro para sustentar as velas de um navio', *popa* 'parte traseira da embarcação', *proa* 'parte dianteira da embarcação', *quilha* 'peça estrutural básica do casco de uma embarcação que se estende da popa à proa', *vela* 'peça de lona ou de brim destinada a impelir embarcações' e *velame* 'conjunto de velas de um navio'. O poeta recorreu às perífrases, valorizando a metáfora: *pedaço de pano* (vela), *ponto branco* (vela).

Os instrumentos ou equipamentos (aparelhagem) são: *amarra* 'corda ou corrente grossa para prender o navio à âncora ou a um ponto fixo', *âncora* 'peça de ferro que se liga à amarra e se destina a, agarrada no fundo, agüentar o navio', *corda* 'objeto feito de fios de fibras naturais ou artificiais unidos e torcidos uns sobre os outros', *cordame* 'conjunto de cordas', *flâmula*, *pavilhão* 'bandeira' e *remo* 'peça de madeira achatada e alargada no extremo inferior e com a qual se faz navegar a embarcação'. A garra é *adunca*, a flâmula é *altaneira*, o pavilhão é *luminoso*, as amarras estão *estraçadas* e o cordame, *em fiapos*.

Vimos, desse modo, que o poeta, ao lidar com vocábulos, está amalgamando, de uma só vez, a sua experiência e as fontes dessa experiência. A palavra é o seu canal com o mundo, por meio do qual a realidade irriga o criador e este fecunda o real (Marques, 1962). Daí reconhecer-se na obra de Arthur de Salles o reflexo das realidades por ele vividas: a regional e a marinha que, aqui, se confundem, e as leituras que fez para fomentar o espírito inquieto, curioso, de quem quer saber mais. Arthur Gonçalves de Salles nasceu e cresceu próximo ao mar, trabalhou, durante quase toda sua vida, em São Francisco do Conde, onde também o mar o acompanhara. É, portanto, essa paisagem marítima que se apresenta em sua produção literária, em verso ou prosa, que faz desse ilustre poeta um legítimo representante do costeiro baiano.

4 Palavras finais

A título de conclusão, parece-nos evidente e inegável que o conceito de campo, léxico ou semântico, representa uma metodologia de organização do léxico muito coerente, pois nos permite compreender melhor a visão de mundo do poeta, oferecendo ao leitor de sua poesia os traços de uma cultura e de uma época, de uma comunidade, de um autor. Quanto às lexias arroladas, muitas revelam a capacidade criativa de Arthur de Salles, quando através do processo de metaforização, cria invariantes lexemáticas de caráter diatópico, diastrático e diafásico, bem como as escolhas lexicais que o poeta pôs em prática em sua obra, fatos que nos colocam diante de diversas possibilidades de estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1958. 5 v.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Dicionário do folclore brasileiro*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.]. 930 p.
- CARVALHO, Rosa Borges Santos. *Poemas do Mar de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. 2002. xxxvi + 809 + 56 il. 2v. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO: século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. Versão 3.0.
- ESPARTEIRO, António Marques. *Dicionário ilustrado de marinharia*. 2. ed. Lisboa: Clássica Editora, 1943. 203 p. Prefácio do Prof. Dr. J. Leite de Vasconcelos.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FIGUEIREDO, Cândido de. *Dicionário da língua portuguesa*. 14. ed. Lisboa: Bertrand, 1973. 2 v.
- FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1954. 5 v.
- HALLIG, Rudolf, WARTBURG, Walther von. *Begriffssystem als Grundlage für die Lexikographie: Versuch eines Ordnungsschemas*. Berlin: Akademie-Verlag, 1952. 140 p.
- HALLIG, Rudolf, WARTBURG, Walther von. *Begriffssystem als Grundlage für die Lexikographie: Versuch eines Ordnungsschemas*. 2., neu bearbeitete und erweiterte Auflage. / *Système raisonné des concepts pour servir de base à la lexicographie: essai d'un schéma de classement*. 2e édition recomposée et augmentée. Berlin: Akademie-Verlag, 1963. Introduction: p. 77-99.
- KOOGAN/HOUAISS. *Enciclopédia e dicionário*. Rio de Janeiro: Delta, 1994. 1644 p.
- LAKOFF, G., JONHSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LEITÃO, Humberto. (com. te). *Dicionário da linguagem de marinha antiga e actual*. 3. ed. Lisboa: Edições Culturais da Marinha, 1990. 548 p. Com a colaboração do Comandante José Vicente Lopes.
- MARQUES, Oswaldino. *O Laboratório poético de Cassiano Ricardo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962. 452 p.
- MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. 2267 p.
- MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1952. v. 3, p.313-333.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário da língua portuguesa*. Brasil: Departamento de Imprensa Nacional, 1964. 4 v.
- QUIROGA, J. Carlos. *Lexicometria e vocabulário em Pessoa ortónimo e heterónimo*. 1994. 2 v. Tese (Doutorado), Faculdade de Filologia, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela.
- VEIGA, Cláudio. *Sete tons de uma poesia maior*. Rio de Janeiro: Record, 1984.